

Suplemento Cultural

DICIONÁRIOS (Primeira parte)

RAQUEL NAVEIRA
professora universitária, poeta/
cronista, mestra em Literatura

Buscarei o significado dessa palavra no dicionário. Amo os dicionários, essa compilação de palavras e locuções organizadas em ordem alfabética, fornecendo definições, sinônimos, revelando a pronúncia e a ortografia corretas. Quanta riqueza nesse livro espesso, pesado, silencioso e ruminante como um camelo no deserto.

Pablo Neruda escreveu o surpreendente poema "Ode ao Dicionário" em que ele, como mago das palavras, se rende ao valor desse livro "que não é tumba, túmulo ou mausoléu", mas é "preservação, fogo escondido, plantação de rubis, perpetuação viva da essência, "celeiro do idioma".

Abro ao acaso uma das páginas do dicionário: "eufemia", "eufonia", "euforia". Eu-fo-ria: que sensação de bem-estar perfeito, de alegria intensa, ao pronunciar estas sílabas devagar, sentindo minha respiração, um gosto de damasco na boca.

Os dicionários tiveram sua origem na antiga Mesopotâmia: tabletes de escrita cuneiforme informando signos, profissões, divindades, objetos. Os gregos criaram os catálogos, os lexicons. Os monges copistas da Idade Média, os glossários. Houve também o estudo sistemático dos enciclopedistas de ciências, artes e ofícios como Diderot. O advento da imprensa alavancou a difusão desses livros de informações tão práticos e úteis.

Aurélio: incrível o nome de um homem com vocação de escriba como o professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira tornar-se sinônimo de dicionário. Quão grandes devem ter sido sua coragem, suas vigílias, as opressões sobre seu espírito, para nos oferecer esse tijolo recoberto por um jaquetão de couro preto com seu nome gravado em letras doura-



MANOEL DE BARROS (à esquerda, poeta) e GUIMARÃES ROSA (prosador), ambos gênios da criatividade na literatura brasileira.



“

Ouvi do poeta Manoel de Barros, certa vez, que muitas de suas invenções com as palavras surgiram da leitura e pesquisa em seus dicionários. Era com esse auxílio que ele criava o seu 'ídiolo de manolês arcaico'”

das. Uma mina de pedras preciosas a ser escavada.

Os escritores lutam com as palavras. Drummond escreveu que "Lutar com palavras/ é a luta mais vã./ Entanto lutamos/ Mal rompe a manhã." No nosso direito de artistas aceitamos as explicações propostas pelo dicionário ou modificamos o sentido, ou criamos novas palavras. No esforço pelo texto, pelo poema, pelo autonehamento, recorrem também ao dicionário de símbolos para decifrar linguagens profundas, mergulhar nas camadas ocultas da mente, domar energias, vislum-

brar o extraordinário poder das palavras que criam realidades; ao dicionário de ideias afins onde as palavras são agrupadas de acordo com a área de significado comum unindo, por exemplo, palavras como "ovo", "começo", "embrião", "infância", "feto", "princípio", "germe", "gênese", "aurora"; ao dicionário de rimas, "salvação da lavoura poética", como declarou o próprio Drummond, pois uma rima não gera um poema, mas pode vitalizá-lo, iluminar sentidos com emoção e espanto e, aliás, a palavra "dicionário" rima com "diário", "necessário", "destinatário", "devocionário"; ao dicionário etimológico, que aponta a origem, a composição, a evolução dos vocábulos como, por exemplo, "colina", "pequeno monte ou outeiro", deriva do francês "colline", do italiano "collina" e, este, do latim "collina".

Ouvi do poeta Manoel de Barros, certa vez, que muitas de suas invenções com as palavras surgiram da leitura e pesquisa em seus dicionários. Era com esse auxílio que ele criava o seu "ídiolo de manolês arcaico". Em O Guardador de Águas ele afirma que "crescem jacintos sobre palavras"; que seu personagem poético, Bernardo da Mata, conversa com Rã como quem conversa em Aramaico. Em nota explica que "o Dialeto-Rã falado por pessoas remanes-

centes do Mar de Xaraiés, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico, idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas." Em Arranjos para Assobio, Manoel cria um "Glossário de Transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos" e vai elencando e enunciando palavras: "Cisco, s. m./ Pessoa esbarrada em raiz de parede..."; "Poesia, s. f./ ... Produto de uma pessoa inclinada a antro"; "Lesma, s. f / Semente molhada de caracol que se arrasta sobre as pedras deixando um caminho de gosma/escrito com o corpo." Registro esta outra frase louca: "Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina."

Outro escritor alucinado por palavras, idiomas e semântica foi Guimarães Rosa, o diplomata, aquele que anotava tudo em cadernetas: nomes de pessoas, de pássaros, de bichos, de fazendas, de rios, de montanhas, de vales, quadrinhas populares, casos, histórias, folclores, rezas, para depois transformar esse material em linguagem da mais alta qualidade.

(Continua no próximo Suplemento Cultural)

POESIAS

O TEMPO PASSA

Passa... Passa...
Passa o tempo entre as sombras.
O sol já posto diz que é passado.

Passa o tempo entre o vento
Que devassa ao que foi conquistado.

Passa o tempo entre as chuvas,
Que nutre a mente cansada.

Passa o tempo entre as noites
Adormecidas na solidão inculcada.

Passa o tempo entre os sonhos
Ante a realização desejada.

Tempo... Não passa...
Passa bem lento que eu possa sentir.

Vida... Minha vida!
Lágrimas e glórias que vivi.

Passa... Pode passar!...
A escuridão, o medo, os defeitos.

Passa... Passa a tristeza...
Passa o passado de qualquer jeito.

Passa... Tudo passa.
Só o amor não passa
Porque é vida, chama
E luz sem fim!

ELIZABETH FONSECA

MILAGRE

NELLY MARTINS

Ela diz:
"A vida é um milagre".
Ouço-a, olho ao meu redor, vejo céus e terras,
escuto sons e ruídos, aspiro cheiros e perfumes e sinto a verdade da fala.
A vida é um milagre.
No princípio, há milhões de anos, Deus ordena:

"Faça-se a terra" e assim acontece.
Era massa incandescente, mole, sem forma,
solta no espaço a girar, girar e a se expandir no contexto do universo, que espanta e embevece.
A terra se esfria, crosta endurecida a envolve.
Por ordem do Senhor, terras e mares se agrupam.
E Ele diz: façam-se céu e terra, luz e trevas, sol e lua, dia e noite.

Nasce então cobertura verde que cresce e enriquece a terra.
Dela nos vêm flores e frutos, formas, cheiros, cores e sabores mil.

Rosa, orquídea, violeta, cravo, margarida, tulipa, peônia, magnólia marcam a primavera.

Banana, laranja, limão, jaca, pera, maçã, ameixa, melão, melancia, kiwi, sapoti, mamão, pinha, pinhão chegam com outono.

Tempo dourado de luz, calor e sol ardente é tempo de verão. Chegam com o inverno vento, frio, gelo nas terras, mares e rios.

E então Deus criou os animais na terra, nos rios e no mar, e aves no ar.

Os viventes se multiplicam.

E, diz Deus, então:

Façamos o homem à nossa imagem. Toma o barro e dele faz quem dominaria o mundo. Para isso lhe dá, com um sopro, o fôlego da vida.

A mulher Ele a fez de uma costela do homem que se chamou Adão e ela Eva.

O mundo cresce.

O homem se multiplica.

Várias raças povoam terras de cinco continentes.

Criam-se condições e normas de vida, leis, direitos e obrigações, mas surgem, também, as disputas e desencontros. A cada instante o homem se eleva com suas descobertas e inventos.

Há tempo de guerra e paz, de tristeza e alegria, tempo do bem e do mal, de salvação e perdição.

A esperança, porém, permanece e a humanidade corre em busca do melhor.

Do congoçamento de raças e povos para um mundo de liberdade e justiça, onde impere o amor e a paz.

Só assim poderemos sentir a grandeza do milagre que é a vida.

Festa de São Benedito de Outrora

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Sou corumbaense com muita honra, mas passei minha infância e adolescência em Campo Grande, que amo de paixão.

De Campo Grande de outrora, guardo inúmeras recordações, dentre as quais a lembrança da festa de SÃO BENEDITO promovida pela TIA EVA, no Cascudo, auxiliada pelo FESTEIRO. Mal terminava a festa, escolhia-se o Festeiro para o ano seguinte.

Lembro-me, ao redor dos meus 12 anos de idade, que meu pai - Arnaldo de Almeida Serra - foi eleito Festeiro por duas vezes, num período de quatro ou cinco anos. Na primeira vez, tudo deslizou mansamente, sem nenhum problema. Papai organizou e cumpriu todo o cronograma. Com razoável antecedência, soltou as "bandeiras", comissões integradas por moças e rapazes, que saíram às ruas, levando à

frente a imagem de São Benedito, e pedindo esmolas ao povo, e não aos ricos, porque a festa era do povo. Levavam pequenas sacolas individuais, onde eram depositadas as esmolas, moedas de 200 ou 400 réis. Quem oferecia uma quantia maior, amarrava a cédula numa das inúmeras fitas, que pendiam da imagem. Ao final do dia, o total arrecadado era rigorosamente contabilizado e lançado em livro próprio. Com esse dinheiro, o Festeiro organizava as procissões, os bailes, e colocava as "jardineiras" (ônibus) à disposição do povo, e oferecia farto churrasco, com arroz e mandioca aos participantes.

Por tradição, o programa obedecia ao seguinte esquema: na véspera de São Benedito realizava-se a procissão dos negros, e, à noite o baile; no dia seguinte, o almoço e a procissão dos brancos.

Na primeira vez (como já afirmei) não houve problema

algum. Do começo ao fim, Tia Eva permanecia à porta do rancho (ou da casa, não me lembro bem), ao lado da Capela. Sua presença impunha fundo respeito. Cada participante, mesmo o mais valente ou bandido, ao chegar, pedia bênção a Tia Eva, e lhe entregava o cinto de bala, revólver e faca, que Tia Eva depositava num baú, para posterior devolução.

Da segunda vez que foi o Festeiro (Tia Eva já havia falecido), papai seguiu todo o esquema rotineiro, só não permaneceu à porta recebendo as armas.

No sábado à noite, e depois do início do baile, papai se retirou, lá pelas 20:00 horas, acompanhado do sacerdote. Antes da meia-noite, no auge da alegria, um grupo de arruaceiros da cidade se infiltrou no baile, todos alcoolizados, procurando bagunçar o coreto. Os organizadores do baile reagiram, estourou

medonho tiroteio. Quando a fumaça baixou, havia um morto no salão estendido lá fora. De manhã, ao tomar conhecimento da tragédia, papai se dirigiu imediatamente para o local, acompanhado da esposa e dos filhos. No caminho, cruzamos com a carroça que transportava os defuntos, empilhados uns sobre os outros, e sujos de sangue coagulado. A festa não podia parar, e continuou... Nesse dia, almocei somente arroz e feijão. Não pude olhar para o churrasco...

Nesse ano, no balanço final contábil, houve saldo, que, com o apoio de alguns, foi empregado numa homenagem póstuma aos falecidos. Algumas beatas protestaram: entendiam que o saldo deveria ser doado à Igreja; como foram derrotadas, desabafaram, maldosamente:

- AFINAL, A CULPA É DE QUEM ELEGEU UM FESTEIRO MAÇON.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ACADÊMICO E POETA GUIMARÃES ROCHA EM MISSÃO CULTURAL NO PARANÁ - com pauta literocultural para este final de semana na cidade de Cascavel/PR, o poeta acadêmico Guimarães Rocha - a convite da Academia Cascavelense de Letras (ACL) - realiza várias ati-

vidades literárias e culmina a visita com uma palestra sua, intitulada "A Arte de Ler e Escrever", na noite de ontem 26/05. Na cidade paranaense, o acadêmico Guimarães visitou órgãos da imprensa local (concedeu entrevistas, falando de cultura/literatura e de sua obra) e também recebeu

- na Biblioteca Pública Municipal de Cascavel - a Medalha do Mérito Cultural Latino-Americano, pela Academia Sul-Brasileira de Medalhística Militar, parceira da ACL. Além de grande público, autoridades municipais e do estado (PR) prestigiaram o evento, bem como representantes do

Exército e Polícia Militar, parceiros na trajetória de 11 anos da Academia Cascavelense de Letras.

Autor de vários livros publicados, poeta escritor e palestrante, Guimarães Rocha é o titular da cadeira nº 4 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.